

# PRIME tem R\$ 230 milhões para empresas nascentes

Talento e criatividade o brasileiro tem de sobra. O que costuma faltar na vida de um futuro empreendedor com uma ideia na cabeça e o sonho de montar o seu próprio negócio é aquele famoso incentivo de “pai para filho”. Pois é esse o papel que o Programa Primeira Empresa Inovadora (Prime), lançado pela FINEP no final do ano passado, pretende assumir: o de dar o primeiro empurrão.

*Márcia Telles*

**D**estinado a apoiar empresas de base tecnológica que tenham até dois anos e estejam formalmente legalizadas, o Prime vai financiar empreendimentos que se destaquem pelo caráter inovador de seus produtos ou serviços. Em quatro anos, o programa deverá investir R\$ 1,3 bilhão em cinco mil empresas nascentes. Para este ano, estão previstos recursos da ordem de R\$ 230 milhões.

Em matéria de financiamento público, o Prime é pioneiro em tudo. É a primeira vez que o Brasil investe em empresas nascentes inovadoras com até dois anos de vida. Outra novidade é que o empresário poderá usar os R\$ 120 mil concedidos no primeiro ano do Prime para a estruturação dos seus planos de negócios, visando ao desenvolvimento de novos produtos e serviços. Ou seja,

ele terá condições de contratar consultorias especializadas em áreas estratégicas, como financeira, jurídica e de mercado, e ainda tirar um salário para custear as suas próprias despesas. “No início, o pequeno empresário não consegue se dedicar ao seu próprio negócio porque precisa garantir alguma renda para a sua sobrevivência”, afirma o diretor de Inovação da FINEP, Eduardo Costa.

Os primeiros R\$ 120 mil do programa são recursos não reembolsáveis do Programa de Subvenção Econômica e não precisam ser devolvidos. No segundo ano, as empresas beneficiadas poderão ainda pleitear recursos adicionais de mais R\$ 120 mil do Programa Juro Zero. Neste caso, o dinheiro terá que ser devolvido em 100 vezes sem juros.

Ao todo, 1.721 empresas foram qualificadas na primeira etapa da chamada pública do Prime. As listas dos aprovados foram divulgadas pelas 17 incubadoras-âncoras selecionadas pela FINEP para operar o programa em todo



o Brasil. O resultado oficial destas etapas será conhecido após terminado o prazo de julgamento dos recursos.

## O Prime em números

Para participar do Prime, o candidato era obrigado a cadastrar sua empresa no Portal da Inovação, antes de fazer a inscrição em uma das 17 incubadoras. No dia 30 de abril, quando terminou o prazo para apresentação de propostas ao Prime, o Portal apontava para 3.159 cadastros de empresas inovadoras nascentes em todo o País.

Das empresas cadastradas no Portal, 775 residem em incubadoras. Essas empresas estão espalhadas por 26 Unidades da Federação, abrangendo mais de 330 municípios. Desses, Porto Alegre lidera com 262 inscritos, seguido por Rio de Janeiro (231), São Paulo (192) e Belo Horizonte (189). “Nunca na história da FINEP houve um programa com

tamanha capilaridade nacional”, afirma Gina Paladino, superintendente da Área de Pequenas Empresas Inovadoras da FINEP. Do total de empresas cadastradas, 1.183 são de setores de informação e comunicação, 616 desenvolvem atividades profissionais, científicas e técnicas e 566 são de indústrias de transformação.

## Próximos passos

Os empreendedores qualificados na primeira etapa do Prime participam de um curso de capacitação obrigatório, com duração de quatro dias. Durante o treinamento, realizado em 10 cidades até 10 de agosto, eles receberão orientações sobre legislação, marketing, finanças e outros assuntos que contribuam para o aprimoramento de seus planos de negócios.

Após o curso, todos receberão um roteiro eletrônico

onde deverão apresentar as suas metas empresariais. A partir do dia 28 de agosto, começa o julgamento final das propostas por uma banca formada por representantes da FINEP, das incubadoras parceiras e de entidades empresariais e de governo.

A lista final, com todas as empresas contempladas, está prevista para 30 de setembro. Segundo Paladino, a contratação das empresas pelas incubadoras deverá ocorrer no mês de outubro. O repasse dos recursos também ficará a cargo dos 17 agentes.

## Na medida certa

O sucesso do Prime pode ser explicado em parte pela forma como ele foi construído. “Depois da proposta elaborada, nós fomos conversar com empreendedores para saber se o kit atendia a expectativa deste perfil de empresa”, conta Gina Paladino. Nessa etapa, a FINEP promoveu dois encontros com empresários convidados, de várias regiões do País.

O Prime também ajudou a consolidar projetos que não saíam do papel. O Instituto Gene, em Blumenau (SC), uma das incubadoras parceiras, fez um trabalho prévio para identificar os empreendedores da região. “Na pré-inscrição verificamos que de um total de 571 inscritos 80% não tinham CNPJ, ou seja, a empresa não existia”, afirma o secretário executivo do Instituto Gene, Horst Nilton Boeving. “A maioria é pesquisador em universidade, e passa anos trabalhando em um projeto mas não abre empresa por falta de estímulo financeiro”, conta Horst.

Em Blumenau, para constituir uma empresa, é necessário um investimento inicial de aproximadamente R\$ 1.500,00, sem falar nas despesas mensais com pagamentos de contador e impostos.

### As 17 incubadoras-âncora

- Cietec (SP)
- Fipase (SP)
- FVEIUnivap (SP)
- Biominas (MG)
- Fumsoft (MG)
- Inatel (MG)
- Coppe/UFRJ (RJ)
- Instituto Gênese (RJ)
- BioRio (RJ)
- Celta (SC)
- Instituto Gene (SC)
- PUCIRaia (RS)
- Faurgs/CEI (RS)
- Cide (AM)
- Parque Tecnológico da Paraíba (PB)
- Cesar (PE)
- Cise (SE)

# Candidatos ao Prime mostram suas inovações

Para mostrar quem são os empreendedores candidatos ao Prime e os seus produtos inovadores, a revista **Inovação em Pauta** selecionou três incubadoras parceiras – o Centro de Incubação e Desenvolvimento Empresarial de Manaus (Cide-AM), o Instituto Gene, em Blumenau (SC) e o Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel), em Santa Rita do Sapucaí (MG) – e foi até lá resgatar algumas das histórias que marcaram a vida desta nova leva de empresários que o Prime ajudou a encontrar. Para toda essa gente, o Prime chega em boa hora.



## NORTE

# Persiana feita com fibras de coco e banana

Na incubadora Cide, em Manaus, sobram ideias e perseverança para vencer os obstáculos decorrentes da falta de recursos. Com 52 anos, Maria Salete Rocha não desistiu de ser empresária. Há pelo menos 15 anos ela fabrica blocos, cartões, agendas, embalagens e kits para apoio a eventos. São produtos feitos com materiais reciclados, obtidos a partir de aparas de papel e de resíduos de fibras naturais.

A sua mais nova invenção é uma persiana feita com fibras de cascas de coco e de banana. “Trata-se de um produto diferenciado, ecologicamente correto e sem concorrentes no mercado”, afirma a empresária.

“Foram 15 anos de sofrimento, mas sinto que chegou a minha vez”, diz Maria Salete, que está há um ano na incubadora Cide. Caso seja selecionada no Prime, Maria Salete pretende usar os R\$ 120 mil para melhorar a gestão da Refiam – Reciclagem de Fibras da Amazônia, criada há menos de um ano.

Na lista de prioridades está a contratação de consulto-

Foto: João Luiz Ribeiro



**A empresária Maria Salete acha que, com o Prime, chegou a sua vez**

rias especializadas, principalmente na área de marketing, administração e finanças. Outra meta da empresária é dedicar mais tempo à empresa e às suas pesquisas. “O pequeno empresário tem que correr muito e não sobra tempo para mais nada”, afirma.

## Energético de guaraná

Prestes a entrar no mercado, o G Power, bebida energética e isotônica feita com pó de guaraná natural e orgânico, é outro produto inovador com chances de ser contemplado pelo Prime. Um diferencial importante é que

ele reúne duas características em um só produto, sendo indicado para reposição energética e de sais minerais. A outra vantagem é o fato de não utilizar cafeína sintética, presente em produtos semelhantes.

O produto é a aposta do engenheiro Silvio Proença da Silva, da Guaranamazon Agro Industrial Ltda. Em 1999, Silvio deixou o emprego na empreiteira Andrade Gutierrez e foi trabalhar com a família em Maués, a 260 quilômetros de Manaus.

“Nesta época eu já tomava guaraná e sabia dos benefícios da planta”, conta o empresário, que foi um dos primeiros a be-

Foto: João Luiz Ribeiro



**O G Power é a aposta do empresário Silvio da Silva, dono da Guaranamazon**



neficiar o guaraná, ou seja, moer e embalar, em condições ideais de higiene. Em 2004, ele passou a trabalhar com a matéria-prima orgânica, adquirida de 1.800 produtores certificados. “Todos os nossos produtos são à base de guaraná totalmente livre de agrotóxicos”, garante.

Quando percebeu que o negócio podia dar certo, o empresário deixou a família em Maués e foi para Manaus em busca de tecnologia. Na incubadora Cide, onde ocupa uma pequena sala há pouco mais de um ano, Silvio abriu um leque de possibilidades. Conheceu a empresa Pharmacos e Cosméticos, responsável por encapsular e envasar o pó de guaraná.

A partir daí, o empresário passou a se dedicar à pesquisa de novos produtos, como o chá de guaraná, feito com a casca da planta, e barras de cereais de guaraná adoçadas com açúcar mascavo e adoçante natural Stevia.

Com os recursos do Prime, Silvio pretende contratar um engenheiro de alimentos e resolver pequenos gargalos com consultorias nas áreas de logística, ambiental, contábil, administrativa e financeira. A meta do microempresário é exportar o G Power, “da Amazônia para o mundo”.



Láuria Pinheiro e Daniel Fernandes aumentaram as vendas com mudanças no design dos produtos

## Caneta interativa e poliglota

Uma caneta interativa, de nome Pentop, que permite ler, traduzir textos em várias línguas e sonorizar imagens. Criada pela Techway, a caneta dispõe de um sensor que lê os códigos impressos nos livros e reproduz sons.

O produto tem diversas aplicações, podendo ser usado em áreas como educação, turismo e principalmente para inclusão digital. Se aplicada a um livro de inglês, por exemplo, ela lê as perguntas, sonoriza as respostas e ainda pode traduzir o conteúdo em outras línguas. “Isso torna o aprendizado mais fácil e dinâmico”, afirma Marivaldo Albuquerque, inventor da Pentop.

Segundo ele, o projeto prevê a criação de materiais escolares e de livros interativos para todas as idades. “É ideal para crianças que estão aprendendo a ler e ainda não sabem pronunciar as palavras”, diz. A tec-



Foto: João Luiz Ribeiro

**A Pentop é ideal para crianças e portadores de deficiência visual**

nologia atende, ainda, deficientes visuais, pois permite trabalhar o conteúdo em braile.

Hoje, para uma tiragem de 10 mil peças, cada caneta deverá sair por cerca de R\$ 250,00. “Com escala, esse custo poderá baixar”, afirma Albuquerque.

## Design arrojado em produto regional

A Harmonia Nativa, fabricante de sabonetes, shampoos, esponjas e hidratantes feitos com óleos essenciais da Amazônia, como copaíba, andiroba, açaí e maracujá, é outra forte candidata ao Prime. Incubada no Cide, ela aguarda o apoio do programa para alçar voo.

Tudo começou como um *hobby*. A produção era artesanal, restrita a alguns tipos de sabonetes, e vendida em feiras. Hoje, a publicitária Lúria Pinheiro e seu sócio, o analista de sistemas Daniel Fernandes, decidiram investir no negócio.

A grande virada se deu quando a publicitária foi para a incubadora do Cide. A partir daí, o design de seus produtos mudou radicalmente e ela investiu na diversificação da linha, criando diferentes propostas por faixa etária. Mudaram os formatos, as embalagens e os cinco aromas do começo foram ampliados para 25. “As vendas aumentaram 300%”, afirma Lúria.

Hoje, a Harmonia fornece produtos regionais diferenciados. Caso seja contemplada no Prime, Lúria vai preparar a empresa para competir em outros mercados. “Precisamos de pessoas que nos ajudem na gestão do nosso negócio, e é isso que o Prime vai nos dar”, afirma.



## Clonagem de plantas

A clonagem de plantas através de técnicas de micropropagação é o negócio que Christiane Lazzaris Anacleto, 36 anos, graduada em ciências biológicas, sempre quis ter. Hoje, ela e o sócio Wendell Luis da Cunha, 29 anos, já estão concluindo as obras da estrutura física do laboratório da Flora Biotecnologia, que vai funcionar dentro de dois contêineres adaptados para o trabalho.

Além de 20 variedades de plantas – ornamentais, frutíferas e medicinais –, Christiane também pretende trabalhar com espécies da Mata Atlântica ameaçadas de extinção. Inicialmente, a empresa vai atuar nos mercados do RS, SC e PR. “A partir dos primeiros oito meses, o laboratório terá condições de produzir 18 mil mudas por mês”, diz Christiane, que pretende no próximo ano aumentar a produção para 60 mil mudas/mês.

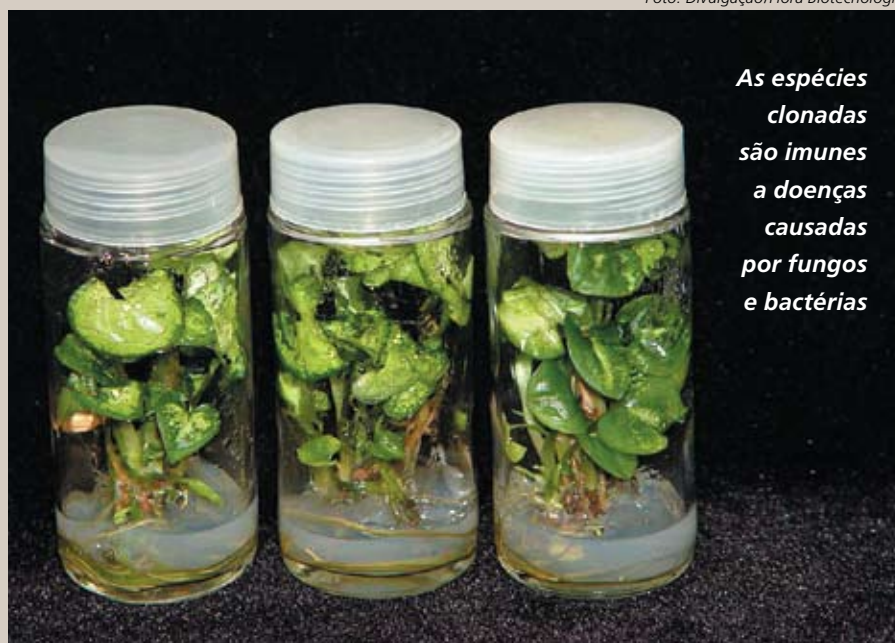


Foto: Divulgação/Flora Biotecnologia

*As espécies clonadas são imunes a doenças causadas por fungos e bactérias*

Segundo ela, a vantagem da técnica de propagação, que consiste na transferência de toda a carga genética de uma planta mãe para uma planta filha, é que com ela é possível manter um padrão de uniformidade.

“As espécies clonadas são imunes a doenças causadas por fungos e bactérias”, afirma a empresária que está na incubadora Univali (Universidade do Vale do Itajaí). A vantagem das mudas que serão comercializadas pela Flora Biotecnologia é que elas serão certificadas. Essa é a garantia para o produtor de que estarão isentas de qualquer tipo de contaminação.



Vinicyus produziu gasolina e diesel com óleo de peixe

## Gordura vira combustível

Um novo combustível feito a partir do aproveitamento de resíduos gordurosos, como óleos usados em frituras e aqueles obtidos em abates de animais. Engenheiro químico pela FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau), com mestrado e doutorado, Vinicyus Rodolfo Wiggers, 31 anos, é o autor da ideia.

Segundo o empresário, que acaba de criar, com outros três sócios, a empresa Craq Term Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico, a técnica consiste em submeter esses resíduos ao craqueamento térmico. Este equipamento trabalha em alta temperatura, em torno de 500 graus, sem a presença de oxigênio. Isso faz com que os óleos se transformem em um bio-óleo que pode dar origem a outros dois combustíveis – a biogolina, que é mais leve, e o greendiesel, um óleo mais pesado. “Esses dois combustíveis têm qualidade muito próxima dos tradicionais, feitos com petróleo”, afirma o engenheiro, que recebeu o Prêmio Petrobras por ter produzido gasolina e diesel a partir do óleo de peixe.

O próximo passo da empresa é buscar a certificação para os novos produtos na ANP (Agência Nacional de Petróleo). Só assim será possível fazer a caracterização química para uso em automóveis. Por enquanto, o novo óleo tem outras aplicações, ele pode ser usado em geradores, por exemplo.

Inicialmente, a empresa pretende abastecer apenas o mercado de Santa Catarina. Para se ter ideia, o volume de gordura animal disponível no estado em 2001 era maior do que o consumo de diesel em Santa Catarina em 2008. “Esses resíduos são descartados por indústrias como Perdigão, Sadia e Gomes da Costa e podem ser reintroduzidos na cadeia produtiva”, afirma Vinicyus.

Em 2007, o empresário foi contemplado por um edital da FINEP do Fundo Setorial de Petróleo (CT-Petro) que apoiou a melhoria da infraestrutura do Instituto Gene para receber empresas nascentes do setor de petróleo e gás. “Somente agora com o Prime criamos coragem para constituir a empresa”, afirma o empresário que hoje ocupa uma área pequena dentro da FURB, enquanto aguarda o término das obras no Instituto Gene.

## Controle na indústria

A empresa Softllution Tecnologia em Controle Avançado desenvolve equipamentos preditivos para controle de processos industriais, como temperatura, pressão e vazão, sem similar no Brasil. “Toda unidade fabril precisa desse tipo de equipamento”, afirma o engenheiro com mestrado na Coppe/UFRJ, Laercio Ender, um dos sócios da empresa, criada em janeiro deste ano. Estas unidades de controle trabalham acopladas a reatores e outros tipos de máquinas e equipamentos que necessitem de controle para operar.

Depois de vários protótipos e ensaios, a equipe desenvolveu, em 2006, o protótipo do primeiro controlador que consegue prever um determinado problema e evitar que ele de fato aconteça. “O que existe no mercado são controladores que atuam de forma reativa, ou seja, ele precisa identificar a falha para só então corrigir o problema”, afirma Ender.

Os equipamentos da Softllution utilizam a tecnologia GPC (Controle Preditivo Generalizado), hoje disponível apenas em grandes centros de pesquisa, como o da Nasa. A ideia de Ender é disponibilizar essa tecnologia para o chão de fábrica, o que significa produzir um equipamento com alta tecnologia a um custo semelhante ao produto convencional existente no mercado.

Estão sendo desenvolvidos dois produtos, uma versão maior e outra compacta, sendo as duas com GPC. “Outra possibilidade que será oferecida pela empresa é a de interligar esses controladores em rede, de forma que o acompanhamento dos processos possa ser feito de uma central. Isso vai permitir que o usuário possa intervir no processo mesmo estando distante”, finaliza Ender.





## SUDESTE

### TV em 3D

Uma nova tecnologia multiview (múltiplas visões), que permite visualizar imagens em três dimensões (3D) sem que seja necessário o uso de óculos especiais ou qualquer outro dispositivo. A imagem em 3D é exibida em uma TV normal LCD, nos tamanhos de 10 a 57 polegadas. A partir de 42 polegadas, ideal para lugares de grande circulação, a TV já traz uma CPU embutida com placas de rede sem fio e saída de som estéreo. O produto da empresa Tridelly já está sendo apresentado ao mercado.

A novidade vai atender inicialmente agências de publicidade ou outras empresas que trabalham com mídias digitais e que poderão gerar imagens de produtos em três dimensões. “Essa tecnologia ainda não se aplica à TV comum, ela é específica para utilização em aeroportos, shoppings, eventos e algumas áreas da medicina, onde os conteúdos a serem exibidos poderão ser adaptados”, afirma o sócio da empresa, Paulo Henrique Lopes, que é técnico em eletrônica e engenheiro pelo Inatel.

A imagem pode ser visualizada a uma distância mínima de um metro e máxima de quatro metros. O único concorrente no Brasil é um produto chinês que, segundo Lopes, além de não oferecer a mesma qualidade de imagem é mais caro. Na Tridelly, uma LCD de 42 polegadas programada para exibir imagens em 3D deverá custar R\$ 45 mil a unidade, ou seja, R\$ 10 mil a menos do que a similar chinesa. A empresa já está negociando a venda das TVs para empresas brasileiras que geram conteúdos para vídeos e anúncios publicitários.

Num futuro próximo, a Tridelly pretende adaptar a tecnologia, trazida da Alemanha por um dos sócios da empresa, para uso em jogos de controle, do tipo Wii e Playstation, e aplicações em redes de *lanhouse*.



Foto: Divulgação/Tridelly

A imagem é exibida em uma TV comum LCD

### Antena portátil para wimax

Uma antena para wimax (evolução do Wi-Fi, atual padrão de tecnologia para conexão sem fios), menor, mais potente e 40% mais barata que as convencionais, deverá chegar ao mercado em meados de 2010. Ela vai substituir as atuais feitas com grade de ferro e, por isso, extremamente pesadas. O novo produto que já está sendo testado em 10 cidades brasileiras, é a aposta da Fractum, candidata ao Prime. Totalmente inovadora no Brasil e no mundo, a nova antena é feita com tecnologia microstrip. Isso permite que a antena seja construída na própria placa do circuito impresso.

O novo produto será vendido ao consumidor final por cerca de R\$ 36. As antenas convencionais custam R\$ 60 a unidade. Outra vantagem é que ela pode ser acoplada ao computador. “O baixo custo e o fato de ser um produto menor vão facilitar a implantação de projetos de inclusão”, afirmam os sócios da empresa, os engenheiros elétricos e ex-alunos do Inatel, André Rasmínio e Luciano Camilo, ambos com 23 anos.





A Circon dispõe de máquinas para inserção de componentes de todos os tipos e tamanhos

Segundo eles, a partir de 2010, serão produzidas inicialmente 100 antenas. Antes, porém, o produto precisa ser homologado pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), onde receberá certificação e garantia de confiabilidade. A antena já é o sétimo produto da empresa, mas as pesquisas não param por aí. Os sócios estudam agora antenas para trabalhar em frequências de até 5.8 giga.

## Manufatura de eletrônicos

A Circon, empresa que presta serviços na área de manufatura de produtos eletrônicos, é outra candidata pelo Inatel. O diferencial da Circon é que, dependendo da necessidade do cliente, ela faz desde a compra dos componentes em condições de preço bastante favoráveis até a sua simples inserção nas placas. A empresa dispõe de maquinário próprio para trabalhar com componentes maiores (PTH) e de tamanho reduzido (SMD). Havendo necessidade, a inserção também pode ser feita de forma manual.

Na máquina, são seis mil inserções por hora. No processo manual, esse mesmo trabalho pode levar mais de uma semana para ser concluído.

A grande vantagem é que a placa já sai para o cliente testada, embalada e pronta para ser vendida. Pablo Ramos, consultor de projetos da empresa, diz que os re-

ursos do Prime serão usados para treinamento de pessoal, e contratação de um gestor para colaborar na parte administrativa. A empresa também vai investir em consultorias e inovação. “O que nós queremos é oferecer o pacote completo, que inclui desde a compra dos componentes até a entrega do produto final”, explica.

Além da economia de tempo, o cliente ganha na redução de custos com a importação. “Para que uma empresa produza mil placas por mês ela precisa de 12 a 13 funcionários”, diz Ramos. Em 2008, a Circon faturou R\$ 230 mil. Este ano, a meta é chegar a R\$ 400 mil.

## Conversor eletrônico de combustível

O Ecoflex, um conversor biocombustível que permite uma economia de até R\$ 1,00 por litro de combustível. É esse o produto da empresa Autotec, fabricante de produtos de eletrônica, e que tem como sócio o ex-aluno do Inatel, Cesar Sodré Alckmin. O conversor permite que um carro fabricado originalmente a gasolina passe também a fazer uso do gás e do álcool.

Apesar de já existir similares no mercado, César garante que o produto da Autotec tem tecnologia inovadora, um software desenvolvido pela empresa que permite a análise da queima do combustível e ajuste do produto para que o carro apresente bom rendimento com baixo consumo.

O Ecoflex chegou ao mercado brasileiro em novembro do ano passado. A meta do empresário agora é conquistar o mercado americano. “Com o Prime, vamos contratar consultores de mercado para nos ajudar a encontrar outros canais para distribuição do produto”, diz o empresário.

Hoje, a instalação do produto sai por cerca de R\$ 300,00. Segundo César, apenas 25% da frota nacional de veículos dispõem da tecnologia flex. Já com relação aos carros novos, 80% permitem o uso dos dois combustíveis (gasolina e álcool).

# »» Incubadoras operam com lista de espera

A espera por uma sala nas principais incubadoras do País pode durar de seis meses a um ano. Isso é apenas uma mostra de que o Brasil é um país de empreendedores. Criado em 2002 para ser um braço da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), o Instituto Gene passa no momento por obras de ampliação do seu espaço, que está sendo preparado para abrigar mais 21 novas empresas de base tecnológica. Hoje, a incubadora dispõe de 28 salas, mas trabalha com uma lista de espera para mais 15.

“A gente começou com empresas de TI, mas de três anos para cá, devido a grande procura, passamos a aceitar propostas nas áreas de química, medicina, mídia e design”, afirma o secretário executivo do Gene, Horst Boeving. Segundo ele, de cada 100 novos empreendimentos que chegam à incubadora uma média de 13 não dá certo. Em sete anos, o Gene graduou 47 empresas, das quais 31 são sucesso de mercado. “Temos empresas que empregam 60 funcionários e faturam por ano algo em torno de R\$ 3 milhões”, afirma Horst.

No ranking das incubadoras que receberam o maior número de inscrições ao Programa Prime, o Instituto Gene foi o campeão com 297 inscrições. A seleção dos projetos que concorrem a uma sala no Instituto é feita por uma banca de especialistas da área empresarial e acadêmica. A prioridade é para projetos com grande potencial de inovação.

Em média, uma em-

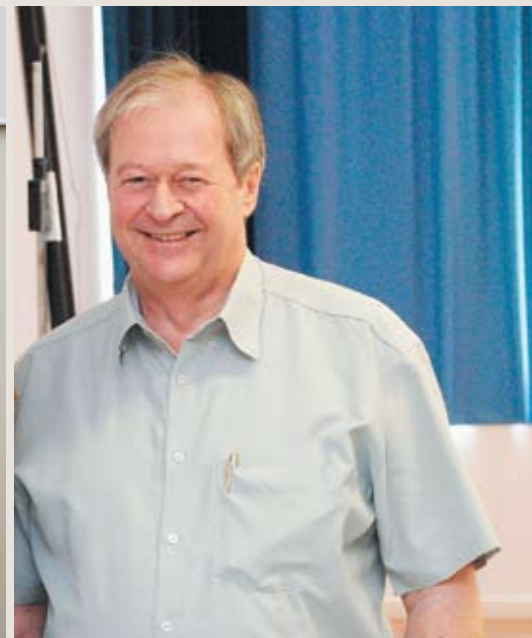
presa pode permanecer no Gene por cerca de dois anos, prorrogáveis por mais dois. Nesse ambiente, elas recebem todo tipo de proteção, incluindo apoio logístico e consultorias nas áreas administrativa, financeira e de mercado.

As incubadoras disponibilizam sala com telefone, computadores e internet banda larga. No Gene, para usufruir de toda essa estrutura as empresas pagam uma taxa mensal de R\$ 80, no caso de salas com 21 metros quadrados, e R\$ 160, para espaços com 42 metros quadrados.

## Incubadora Inatel

Criada em 1992 com a finalidade de apoiar os alunos do Inatel no desenvolvimento de seu próprio negócio, a incubadora de Santa Rita do Sapucaí (MG) é pioneira nesse tipo de atividade no Brasil. Ela acompanhou o fenômeno do Vale da Eletrônica, que atingiu a pequena cidade do interior de Minas Gerais a partir dos anos 1980. No início,

Fotos: João Luiz Ribeiro



Rogério Abranches, gerente do Núcleo de Empreendedorismo do Inatel e o secretário-executivo do Gene, Horst Boeving

o Inatel liberava os laboratórios da universidade para que os alunos pudessem desenvolver as suas próprias pesquisas.

Em 1999, a incubadora se profissionaliza e cria um núcleo de empreendedorismo que passa a gerenciar as suas atividades. “A seleção das propostas passa a ser feita por uma banca, e a partir daí só entram na incubadora projetos de empresas com grande possibilidade de crescimento”, afirma Rogério Abranches, coordenador do Prime e gerente do Núcleo de Empreendedorismo do Sistema de Incubação de Empresas do Inatel. Na incubadora, o índice de falência de empresas graduadas é menor que 10%. Já entre as residentes, o índice de mortalidade chega a 15%.

Há seis meses, a incubadora do Inatel implantou um

já saíram da incubadora para o mercado 35 empresas, que juntas faturam cerca de R\$ 30 milhões. A maioria é da área de TI, telecomunicações e eletroeletrônica.

Na chamada do Prime, o Inatel recebeu 128 propostas e a ideia é qualificar 75. “O que essas empresas precisam é de recursos para fazer propaganda, marketing e fechar parcerias para atuar em outras cidades, exatamente o que o Prime oferece”, diz o gerente do Inatel.

## Incentivo no Cide – AM

Há nove anos ajudando a formar empresas inovadoras, de base tecnológica, o Cide tem hoje 42 empresas incubadas, com 261 postos de trabalho, das quais 30 residem no próprio Centro. Outras 11 propostas de empresas aguardam na lista de espera. A incubadora atende todos os segmentos, com ênfase nos setores de biotecnologia, tecnologia da informação e eletroeletrônica.

Para os empresários assistidos, o Cide tem um diferencial. O atual diretor, Eduardo Pedro, é um grande incentivador dos futuros empreendedores da região. “Ele é um pai para todos nós”, diz Maria Salete, da Refiam. “Enquanto a gente sonha, ele já vê o produto pronto”, afirma Silvio da Silva, da Guaranamazon. Segundo ele, o diretor do Cide é um homem com visão de negócios. “Ele tem sugestões para tudo: embalagens, marca, cor de tinta, até na apresentação pessoal ele opina”, conta.

No Cide, o empreendedor também é levado a participar de feiras e eventos que tenham a ver com o seu negócio. “Em geral, o empresário começa do jeito torto, acredita que pode vencer e vai se frustrando, por isso ele precisa ser motivado a cada dia”, conta Eduardo.

Da mesma forma que as demais incubadoras, as empresas no Cide têm direito a salas de 20, 40, 100 e 125 metros quadrados, acesso livre à internet, estacionamento, salas de reunião e área para treinamento. É difícil alguém deixar o Cide, antes de vencer o prazo máximo de incubação, que é de três anos. ■



Foto: João Luiz Ribeiro

O diretor do Cide, Eduardo Pedro, um dos grandes incentivadores das pequenas empresas de base tecnológica

sistema que permite avaliar as empresas por um conjunto de indicadores. Isso é feito a cada dois meses e as empresas que não atingirem as metas são desligadas para que não haja perda de tempo. Por outro lado, esse sistema colabora para o crescimento da empresa, pois ataca os seus pontos fracos. Hoje, a capacidade do Inatel é para 11 empresas e o tempo máximo de incubação é de três anos. A meta da instituição é ter entre três e quatro empresas graduadas por ano, ou seja, prontas para entrar no mercado. “Há sete anos cumprimos esta meta, sendo que no ano passado graduamos cinco”, afirma Abranches. Até hoje,